



Guerra, Conversão e
Resistência

Carlos César Félix



RESENHA

Guerra, Conversão e Resistência:

A São Paulo dos primeiros jesuítas (1554-1575)

Marisa Yamashiro

Bacharel em Letras pela USP e
Membro do Núcleo de Estudos d'O Capital

Fruto de uma pesquisa nada fácil em cartas jesuíticas e atas da Câmara Municipal de São Paulo, o livro de Carlos César Félix contribui em muito para o entendimento das razões, num remoto século XIV, que não só permitiram, mas impeliram o crescimento desse lugar que nós, paulistas de nascimento ou por adoção, hoje habitamos.

Com o objetivo inicial de entender o que levou São Paulo a adquirir a atual importância de maior economia da América Latina ainda hoje, o autor se propõe a investigar suas origens, desde o início da colonização europeia, e então descobrir o que resultou, nas palavras do autor, em “tamanho pujança econômica”. Acerca da questão levantada, alçada a tema de mestrado, o historiador e orientador da dissertação que deu origem a este livro, Lincoln Secco, abre o prefácio da obra com um ar saudosista e elogioso, equiparando o mote da pesquisa de seu então orientando às grandes questões que os historiadores de hoje não se fazem mais... Afinal, na gestação de sua pesquisa, o pleiteante se perguntou: “Por que São Paulo?”, assim como – relembra – perguntavam-se os bravos historiadores: “Por que a Europa?”, “por que...?” e lá viriam questões relevantes, ainda

que de grande dificuldade. E então, o sociólogo de formação, tecnólogo de profissão, decide entrar nessa seara. E o faz, com a obstinação necessária à sustentação do ímpeto inicial.

Driblando desafios como o português arcaico do século XVI e uma lacuna de oito anos de ausência de documentação oficial, mas sustentado por estudos de peso acerca da formação do Brasil, Carlos Félix identifica a combinação de quatro fatores que determinou esse acontecimento, a saber, o índio, o jesuíta, o colono português e a terra em que se deu esse encontro.

Assim, o trabalho do então mestrando em História econômica pela USP é dividido em quatro capítulos, subdivididos didaticamente em tópicos cujos títulos são representativos dos principais assuntos tratados pelo autor. Com exceção do primeiro capítulo, “O chão”, também no título dos demais capítulos ele deixa claro o recorte temporal de sua pesquisa. Vejamos: “O índio – até 1562” acompanha o percurso do índio até o ataque dos tupiniquins à vila de Piratininga; “Jesuítas – até 1568” marca a história de desprestígio de São Paulo por parte da Coroa, simbolizada pela fundação do primeiro colégio do país no Rio de Janeiro com dotação oficial pelo rei D. Sebastião; “Colonos – até 1575” marca a data de extermínio, em Cabo Frio, do último tamoio, cuja tribo revoltosa sempre ameaçara a então vila de Piratininga.

O sociólogo talvez pudesse se limitar a tratar tão somente, o que já não seria pouco, das relações entre o índio e o branco, das diferenças culturais e religiosas, dos modos de vida de sustentação, da sua economia. Tendo verificado, porém, que esse encontro intercultural também se deu em outros locais daquele Brasil colonial, Carlos Félix atribui à terra sua devida importância e a eleva à categoria de personagem, tão decisiva e atuante quanto às de carne e osso. Para tratar da influência da geografia da São Paulo de Piratininga, o autor se vale da relação dialética que perfaz a vila: o “binômio isolamento e dispersão”. De um lado, ele nos apresenta a precariedade das terras de Santos e São Vicente para a agricultura, com seus mangues e pântanos, agravada pela barreira vertical da serra que isolava a vila de terrenos mais amigáveis da faixa litorânea. Do outro lado, ele destrinça o desafio da dispersão sertão adentro, na busca necessária de mão-de-obra indígena, enfrentando as estações de chuvas torrenciais e frio intenso, a travessia das matas fechadas e dos rios que, gelados e perigosos, também dificultavam seu percurso e a isolavam. Como não bastassem as dificuldades geográficas, o

português deparou-se logicamente com a resistência beligerante do índio nativo. Nesse cenário de busca pela sobrevivência, o autor localiza historicamente a política da Coroa, que, perante a ameaça dos franceses, determina a defesa do território através da fixação do elemento português naquelas terras desconhecidas do sertão, somando-se a ela a esperança de obtenção de metais preciosos no rio da Prata - esta sem o resultado esperado. Apesar da definição oficial da Coroa, o maior interesse na faixa litorânea do país fica patente nos documentos levantados pelo autor, que transcreve relatos de jesuítas a lamentar o fato de não terem atendidas suas cartas de socorro, nas quais pediam o envio de mais homens para a defesa do território.

O capítulo destinado ao índio é, até mesmo pela nossa ignorância, uma leitura incitante com, por exemplo, descrições de impressionantes rituais antropofágicos e, enfim, mais facilmente compreensíveis culturalmente após a leitura desse capítulo. Esse capítulo descreve também as relações familiares numa sociedade poligâmica e sua convivência harmoniosa, numa base de cem a duzentas pessoas numa única oca; seus meios e distribuição de tarefas para subsistência; as plantas e sua polivalência - ora veneno, ora remédio; sua forma bem-sucedida de educação; seu temperamento; suas crenças etc. Mas é também neste capítulo que o autor nos dá uma nova oportunidade, com base documental histórica da época, de entendermos a importância do índio na construção e sustentação da vila, que talvez um dia tenhamos lido em um livro escolar sem a compreendermos verdadeiramente. Em contrapartida, a devastação causada pelas doenças trazidas pelo branco europeu, que aqui no Brasil se transformam em epidemia, nos chega aos olhos através das cartas do próprio Anchieta, em transcrições coletadas pelo autor.

No capítulo destinado ao jesuíta, embora esse elemento já tenha sido introduzido na sua relação com o índio, o autor contextualiza a situação da Igreja na Europa e a necessidade de fortalecer o catolicismo em meio ao crescimento do luteranismo no século XVI. Para isso, Carlos Félix faz uma viagem pertinente à Europa, apresentando a movimentação que lá ocorria, a liderança de Erasmo e Lutero, que provoca uma ruptura na unidade da Igreja católica e, por fim, repercute em solos brasileiros. E as palavras do autor não deixam de evidenciar seu olhar crítico sobre a estratégia de reviravolta da Igreja: “Num mundo novo, de dimensões espaciais distintas, de nacionalidades e de luta pelo mercado das almas, fazia-

se máxime ampliar o numerário de devotos da Santa Madre Igreja e, no dito “Novo Mundo”, essa ampliação passou pela captura da alma do Gêtio”. Mas além desse braço católico, a política de D. João III tem o braço imperial, cujo objetivo era assimilar o índio visando à defesa do território, bem como a utilização de sua mão-de-obra. É a política “Fé-Império”, à qual o autor dedica consistente descrição, e na qual têm importante papel o aprendizado das línguas nativas e o aldeamento dos meninos índios.

O capítulo final é dedicado aos colonos e o elemento que mais se ressentia da falta de documentação: a partir de 1564 ocorre uma lacuna de oito anos sem documentação. Ainda assim, Carlos Félix consegue ilustrar o tratamento, revoltante, dispensado à vila de Piratininga. Exemplo disso foi a solicitação do Ouvidor Geral para que levassem até ele todos os bois da vila para serem pesados. Em outro momento, a transcrição de uma carta dos camaristas de São Paulo à regente D. Catarina nos dá conta do desespero e desamparo dos colonos portugueses diante da falta de gente para a defesa do território, recorrendo a degradados e oferecendo as mulheres da vila para procriação: “Outro sim mande que os degradados, que não sejam ladrões, sejam trazidos a esta vila para ajudarem a povoar, porque há aqui muitas mulheres da terra místicas, com quem casarão e povoarão a terra”. Nessas condições, já é possível entender a necessidade de desbravamento do sertão, num percurso solitário, consequentemente independente, e uma vila de Piratininga por fim fortalecida.

Este foi um pequeno apanhado de alguns dos caminhos percorridos por Carlos Félix em *Guerra, Conversão e Resistência: a São Paulo dos primeiros jesuítas – 1554-1575*. A leitura do texto integral, enriquecido por referências bibliográficas, fontes e, sobretudo, pelo estilo do autor, oferece-nos as pistas perseguidas, recolhidas e compartilhadas pelo pesquisador com o público. E, assim enquanto leitores, também trilhamos os caminhos às origens e chegamos aos fatores que definiram a São Paulo dos nossos dias.

ENTRE O CERCAMENTO E A DÁDIVA



**Inovação, cooperação e
abordagem aberta em
biotecnologia**

Agnaldo dos Santos

“Ao sintonizar o então incipiente campo científico brasileiro com o experimentalismo da bio-tecnologia gerada no entorno de São Francisco (Califórnia) e as tentativas do centro de pesquisa Cambia (na Austrália), este livro introduz o leitor em um universo altamente competitivo, e que se relaciona diretamente com o futuro da medicina, agricultura e da economia. Sem fechar suas conclusões, o trabalho do autor contribui para a compreensão das tensões entre a propriedade intelectual (e suas ramificações) e a necessidade de multiplicação das redes de conhecimento para o avanço da biotecnologia. Ao defender a consolidação das pesquisas em rede, o autor sugere a oportunidade de adoção de uma estratégia de open source biotechnology, em que parte das descobertas e dos processos passariam por um acesso aberto e acessível aos pesquisadores dos países de industrialização recente. Inovação tecnológica e desenvolvimento se entrelaçariam de modo a criar novas oportunidades não somente para a pesquisa como também para países como o Brasil, que precisam se desenvolver”.

Prof. Dr. Glauco Arbix (FFLCH/USP)

Editora **Blucher**